

Amostra – limite

The choice you make to build a drawing is connected both to the experience of the site and building and to assumptions made about reality. The drawing is a poetical definition of something that is not exactly there, but becomes true of what is there. It is synthetic and not descriptive. It conveys aspects of the reality of the place better than the direct experience of the place itself.⁴⁷

47 DOMEYKO, Fernando - "The Synthetic and the real: Notes on Córbona" pg. 52

Representar a coexistência

O presente capítulo, pretende demonstrar o modo como os conceitos 'coexistência', 'lugar' e 'tempo' se vinculam através da representação.

Ao longo deste ensaio, exploraram-se conceitos distintos que tiveram como base um olhar específico no lugar: a coexistência do tempo. Este olhar, incorporou-se num processo criativo contínuo de experimentação, colmatando-se numa série de desenhos que evidenciam uma condensação de diferentes tempos presentes no lugar estudado.

Para a representação final deste ensaio, foi necessário duas definições: a primeira, definição de uma amostra do território em estudo, e a segunda, a sintetização e escolha dos 'tempos' que vão ser representados.

Deste modo, inicialmente será explicado a escolha da amostra e como esta determinou uma redescoberta do lugar. As conclusões e descobertas resultantes desta nova 'inspiração' serão mapeadas através de descrições e desenhos que explicitam o testemunho dessa experiência. A questão do 'tempo', será definida através da estratificação de três 'tempos' que serão explicados tanto na forma como eles se integram no lugar, como na vinculação com a própria metodologia do presente trabalho. Finalmente, como conclusão, serão expostos uma série de desenhos síntese que fazem o remate de toda a investigação, tornando visível a **coexistência do tempo no lugar**.



Desenho com a marcação da hipótese inicial do perímetro da cerca



Amostra

Como anteriormente referido no capítulo 'Lugar', o estudo do complexo Monástico de Bustelo colocou a hipótese da existência de uma cerca que delimitava o património pertencente ao mosteiro. A possibilidade da existência de um 'limite' real neste território, reafirma o propósito desta investigação, onde este complexo monástico não é interpretado como um objecto, um edifício, mas antes como uma 'parcela' do território.

Esta hipótese, incitou à reconstituição desta 'cerca', limite, e à compreensão da sua representação. A ideia de perímetro incute duas inquietações importantes: por um lado, compreender qual a organização e estruturação do território dentro deste limite e interpretar as diferentes relações entre os elementos constituintes desta amostra; por outro lado, entender a existência de uma relação 'interior – exterior', 'fora – dentro' e como estas realidades se relacionam e se interceptam, tanto na relação com o mosteiro como com o restante território. As diferentes camadas de informação que a 'parcela' apresenta, invoca a ideia de transversalidade de escalas, admitindo nesta amostra uma noção **transescalar**.

Para a reconstituição deste 'limite' foi necessário estipular uma hipótese base, de modo a testá-la e justificá-la. Assim, através do cruzamento entre a informação actual e histórica foi possível chegar à elaboração de um perímetro hipotético para a delimitação desta 'cerca'.

Esta base de informação, advém por um lado, do estudo dos diferentes dados históricos e cronológicos de doação de propriedades, nomes de estradas e lugares; e por outro lado, de uma base de dados actuais como o estudo de plantas recentes e do Plano Director Municipal de Penafiel, que permitiu identificar as áreas de interesse público e patrimonial. O acesso a estes dados, revelaram-se importantes não só para determinar o 'limite' do complexo monástico, mas também para compreender a sua materialização.

A delimitação da propriedade monástica remete para a necessidade de outros tempos, de preservação e protecção de bens. Facto este, que justificava a construção de muros e cancelas definidores do perímetro total da parcela do mosteiro: *Esta constante atenção com a vedação das terras demonstra o extremo*

cuidado com que as culturas aí desenvolvidas eram tratadas. Evitar passagens de estranhos, os comuns 'atravessadouros' [...] levaram os monges a investir constantemente no melhoramento e conservação dos seus muros e vedações, sempre feitos em pedra, e a colocar cancelas e portas de entrada reservada.⁴⁸

Perante estas informações, revisitamos o lugar num intuito de encontrar indícios relativos à existência da hipotética 'cerca'. 'Cerca' esta, que serviu de ideia base para redescobrir o lugar e encontrar novas pistas para a sua representação.

48 MAIA, Fernanda Paula Sousa – “O Mosteiro de Bustelo: Propriedade e produção agrícola no antigo regime (1638-1670 e 1710-1821)”, p.81.

Redescobrir o lugar: Limite

Será que esta hipótese de 'cerca' é viável? Será que ainda é possível encontrar vestígios do muro que delimitava o perímetro? Quais os elementos que hoje poderão compor este limite?

A redescoberta deste lugar, foi determinada por uma série de inquietações e por uma vontade insaciável de encontrar o rasto de uma história, que para além de livros e imagens, está inscrita em todos os cantos deste território. Com o intuito de encontrar o 'limite' do lugar, foi traçado um percurso que abrange todo o perímetro pretendido. Percurso este, que tornou visível uma série de vestígios que permitiram comprovar algumas das hipóteses e questões que foram sendo colocadas ao longo do estudo.

Actualmente, o 'limite' é quase imperceptível, visto que o elemento físico que o definia, o 'muro', não existe na sua totalidade. Perante este facto, é possível sistematizar o processo de transformação que o limite sofreu ao longo do tempo. Podemos definir três fenómenos base: **conservação, substituição e fractura**.

Legendas das imagens nas próximas páginas:

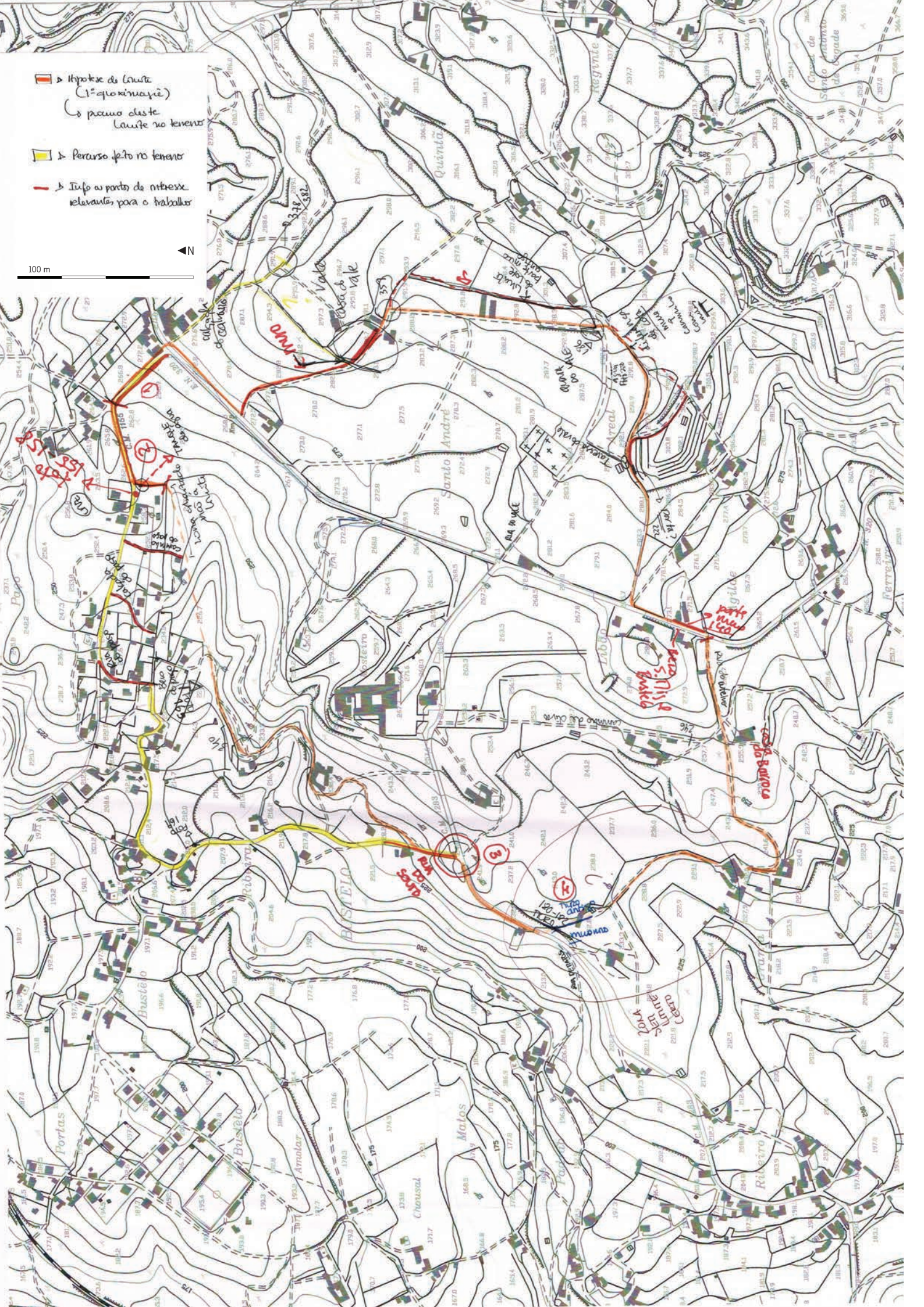
Mapa do percurso - base cartográfica utilizada na visita ao lugar na descoberta do 'limite', apresentação de notas e marcação de considerações importantes (pg. 88);

Limite - Desenho interpretativo da reconstituição do perímetro da cerca depois da visita ao lugar. Marcação dos elementos considerados relacionais com o limite: a arborização, a edificação, os acessos e o parcelamento (pg. 89).

- ▶ Hipótese de Loure (1ª aproximação)
↳ prumo deste Loure no terreno
- ▶ Percurso feito no terreno
- ↳ Info a porta de interesse relevante para o trabalho



100 m





◀ N 75 m



◀ N 75 m

Desenho que evidencia na amostra as zonas que estarão em foco nos próximos tópicos, na identificação dos processos de transformação associados ao limite.



FIG.33-35 Fotografias que identificação os processos de transformação, pela ordem: conservação, substituição e fractura.

Processos de Transformação no Limite

- Conservação, Substituição e Fractura.

Intitulou-se de processo de **conservação**, às zonas onde o elemento físico definidor do 'limite', é ainda visível e mantém a sua forma original. Este fenómeno surge em pelo menos duas zonas distintas. Contrariamente à conservação, o fenómeno da **substituição**, determina a 'não existência' do muro por substituição, ou não, de outro elemento. Este acontecimento torna-se dominante no estudo deste 'limite', já que na maior parte deste perímetro o muro foi destruído. Contudo, mesmo sem a presença física do mesmo, é ainda possível através de indícios presentes no terreno, encontrar esse mesmo limite: no alinhamento de árvores; na marcação de caminhos entre parcelas; em muros novos de propriedades recentes; nas linhas de água e nas diferenças de cota existentes.

Finalmente, o processo de **fractura**, que apenas é visível numa parte do 'limite', integra também em si um processo de destruição. Porém, este mesmo processo, contrariamente ao da substituição, regista vestígios quase imperceptíveis do muro no terreno que surgem marcados como uma linha padrão no chão.



- Linha de água
- Muro
- Divisão de Parcela
- Talude
- Marcha Parcela Agrícola
- Marcha Arborização

Esquema interpretativo dos elementos que compõe o limite.

Os processos de transformação do 'limite' atrás enunciados, incorporam em si uma questão pertinente na relação com a 'coexistência no tempo'. Por um lado, a conservação do muro nos dias de hoje, demonstra que este é um elemento transversal aos diferentes tempos, isto é, o muro é coexistente no tempo do lugar. Por outro lado, no fenómeno da substituição onde o elemento físico (muro) já não existe pois foi substituído por outro, a coexistência é interpretada no limite que ainda se identifica, mesmo sem a presença física do muro que o caracteriza. Aqui, o limite não é um elemento físico do passado mas antes, uma reminiscência desse mesmo passado através de elementos do presente, conciliando em si uma transversalidade temporal.

A questão da **coexistência do tempo** no limite, concretiza-se enquanto parte integrante da presente investigação e justifica a sua utilização, como mote para a representação do lugar. Assim, os processos de transformação no limite resultam numa imagem mais livre no desenho desse mesmo, permitindo vê-lo não como uma barreira (contrariamente à intenção na sua criação) mas como uma conjugação de diferentes relações dentro e fora desta parcela.

Perante esta reflexão, é necessário tornar visível estas transformações que ocorreram no lugar e explorar as formas de ver a coexistência do tempo no mesmo. Seguidamente, demonstra-se o modo como este 'limite' transparece no lugar, assim como a forma como o tempo pode ser interpretado neste mesmo limite. Inicialmente, será exposta uma série de composições fotográficas e desenhos que explicitam os diferentes elementos que compõe esta amostra. Estas composições representam partes do limite que demonstram os processos de transformação atrás referidos, focando em três processos distintos no 'limite'. Numa fase posterior, é integrada a noção de tempo em coexistência neste limite e a sua representação.



Desenho que evidencia as zonas associadas ao Processo de Conservação

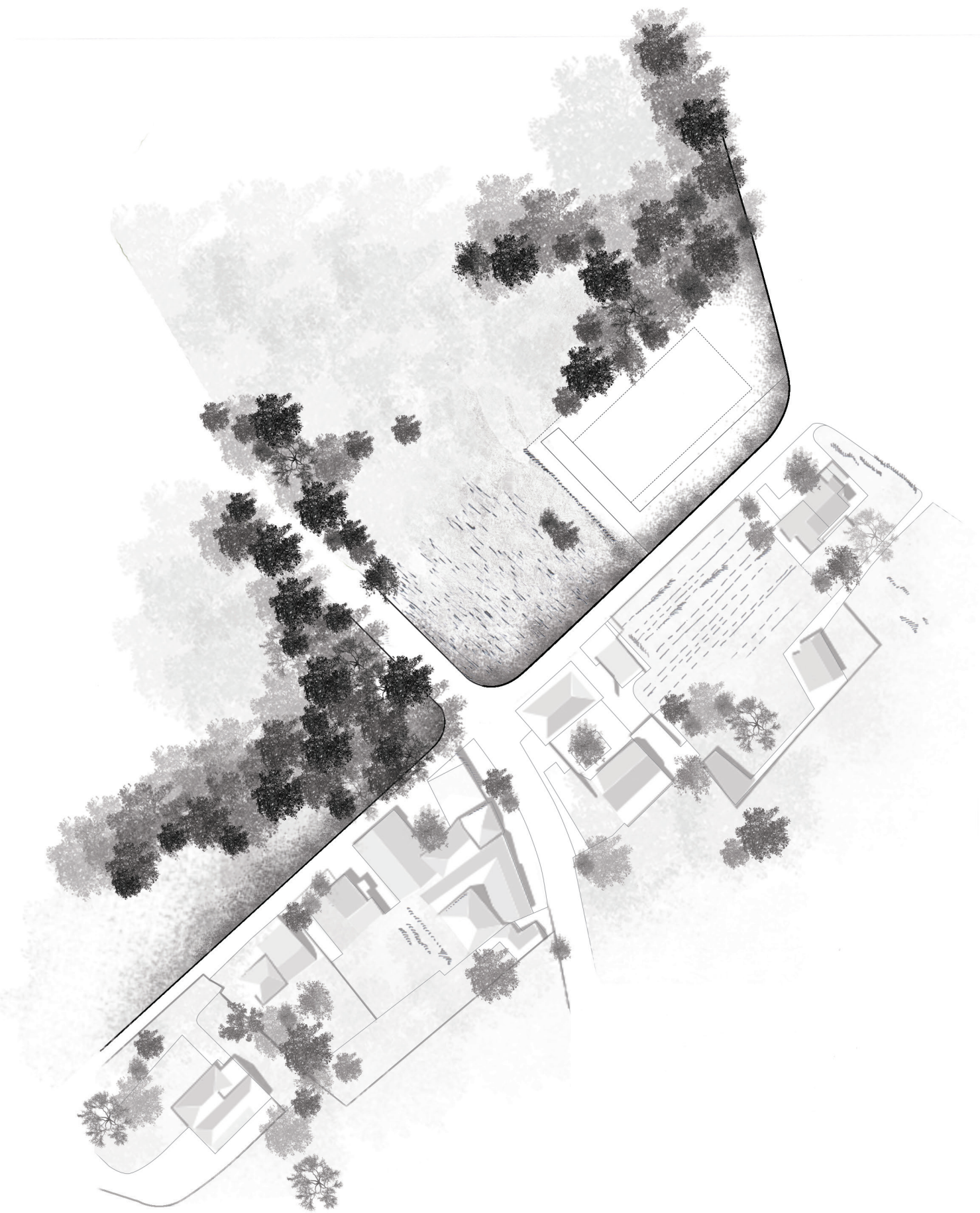
◀ N 75 m

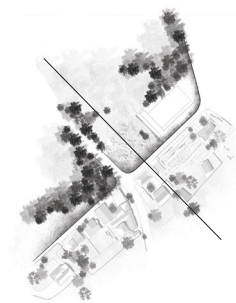
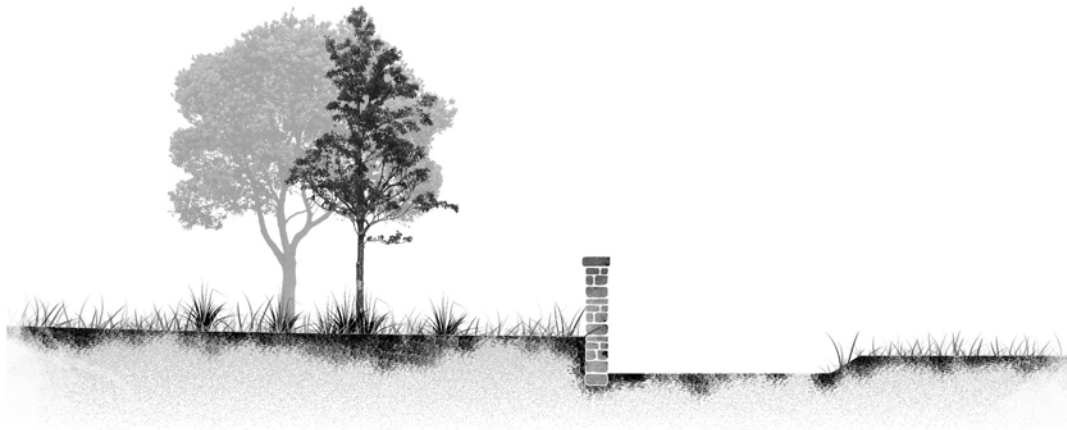


FIG. 36-37 Fotografias do muro, um pormenor aproximado e uma imagem panorâmica da presença do muro no lugar.

Processo de **Conservação**

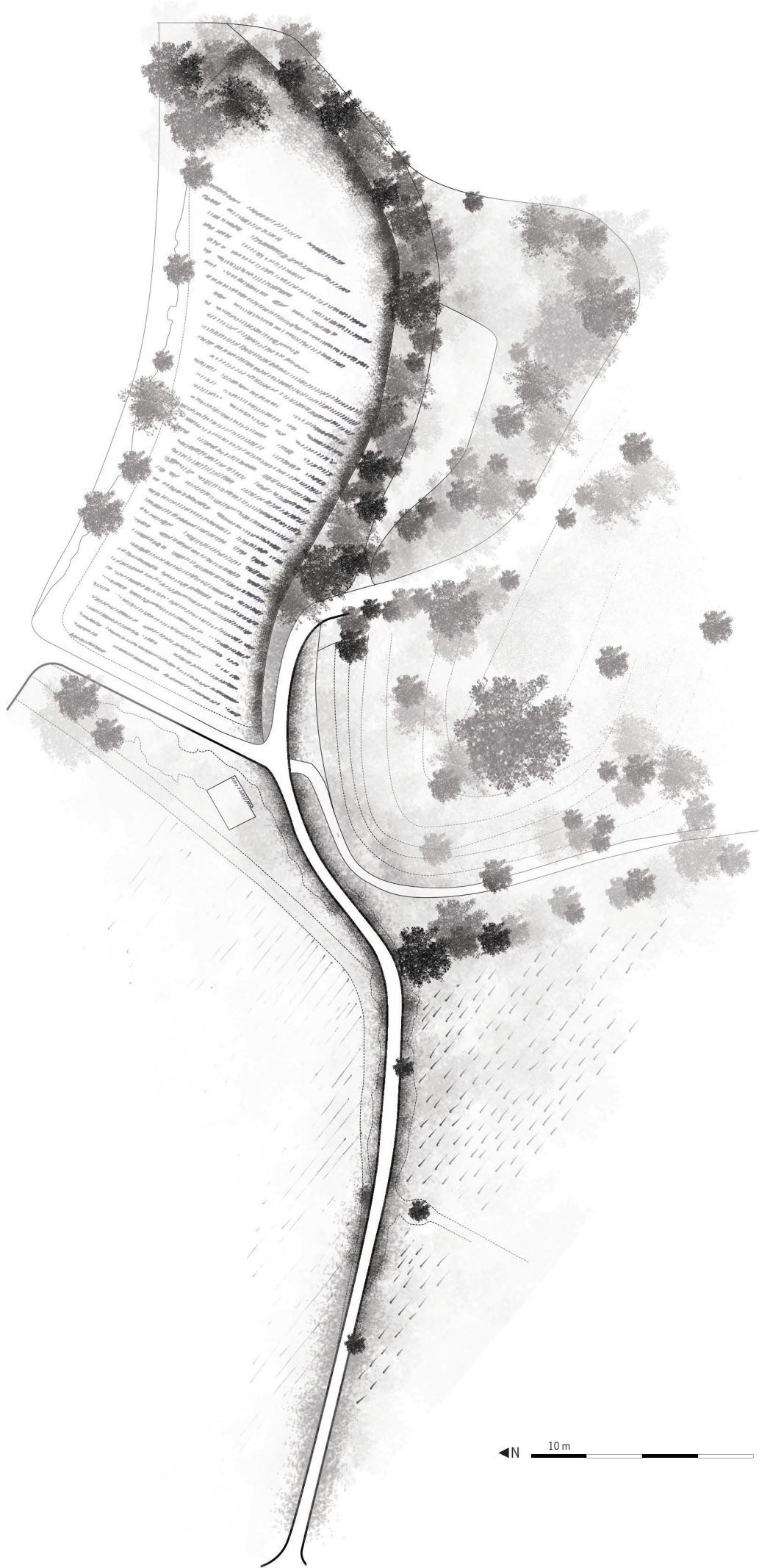
Este processo de transformação associado ao limite, identifica-se com mais destaque em duas zonas distintas na amostra. Na planta apresentada à esquerda é possível visualizar a sua localização e integração no perímetro do limite. Estas duas apresentam características diferentes quer no seu processo de conservação quer na sua composição. A primeira zona (parte esquerda da planta) apresenta-se numa linha contínua de muro, que actualmente, mantém o seu formato original. As fotografias acima expostas capturam alguns pormenores desse mesmo muro. A segunda zona apresenta uma composição distinta, que a torna única na composição total da amostra. Aqui o 'limite' está compreendido entre dois muros (actualmente partes deste elemento já se apresentam em degradação acentuada), que provavelmente delimitariam duas propriedades, a do mosteiro e outra exterior. Para clarificar a apresentação dos desenhos, nomeamos esta última zona de 'limite canal'. Uma excepção à matriz que se irá manter nos próximos tópicos, apesar de apresentar o mesmo processo de transformação, torna mais clara a exposição da informação. Nas próximas páginas serão expostos desenhos que resultam de uma aproximação a estas duas zonas distintas através de uma planta e duas secções.



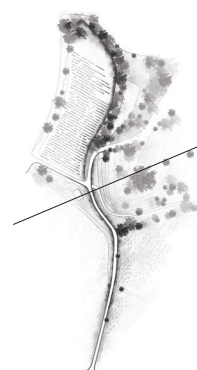
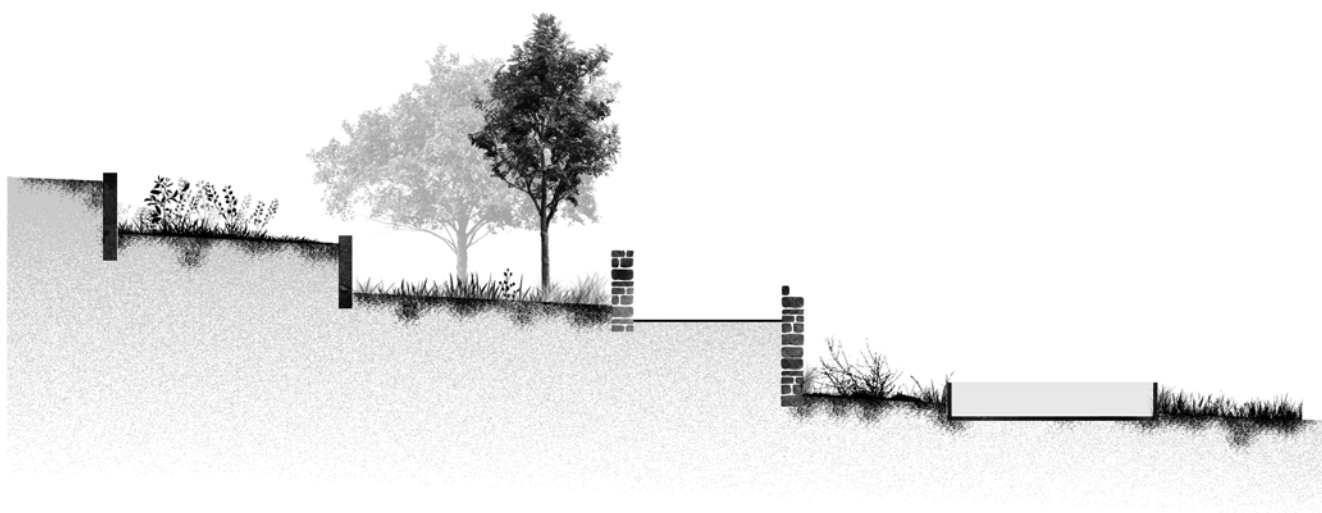
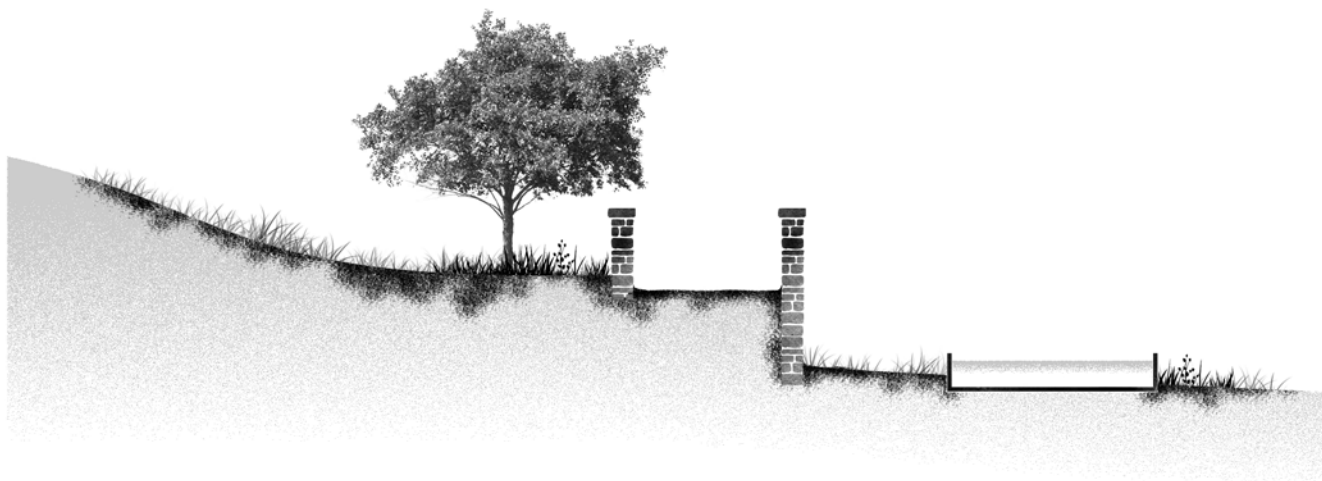


Planta do Processo de Conservação: Desenho da planta de aproximação a primeira zona associada ao Processo de Conservação. Este desenho constitui uma representação do limite na actualidade. É possível ainda hoje compreender uma descontinuidade na interpretação do limite. Nesta zona em específico, ainda existe uma clara distinção entre interior e o exterior.

Secções Passado/Presente: As secções apresentadas representam o limite no seu processo de conservação em dois tempos distintos. A primeira representa o tempo passado (época de actividade do mosteiro) e a segunda o tempo presente (actual). O primeiro constitui uma hipótese interpretativa de um reconstituição de um tempo passado. Por um lado, é possível ver o processo de apropriação da natureza, que se intensificou com o abandono do mosteiro, por outro lado, as transformações mais evidentes acontecem na parte 'exterior' do limite, com a manipulação da topografia, construção de muros, reorganização do parcelamento e mudança de pavimento.



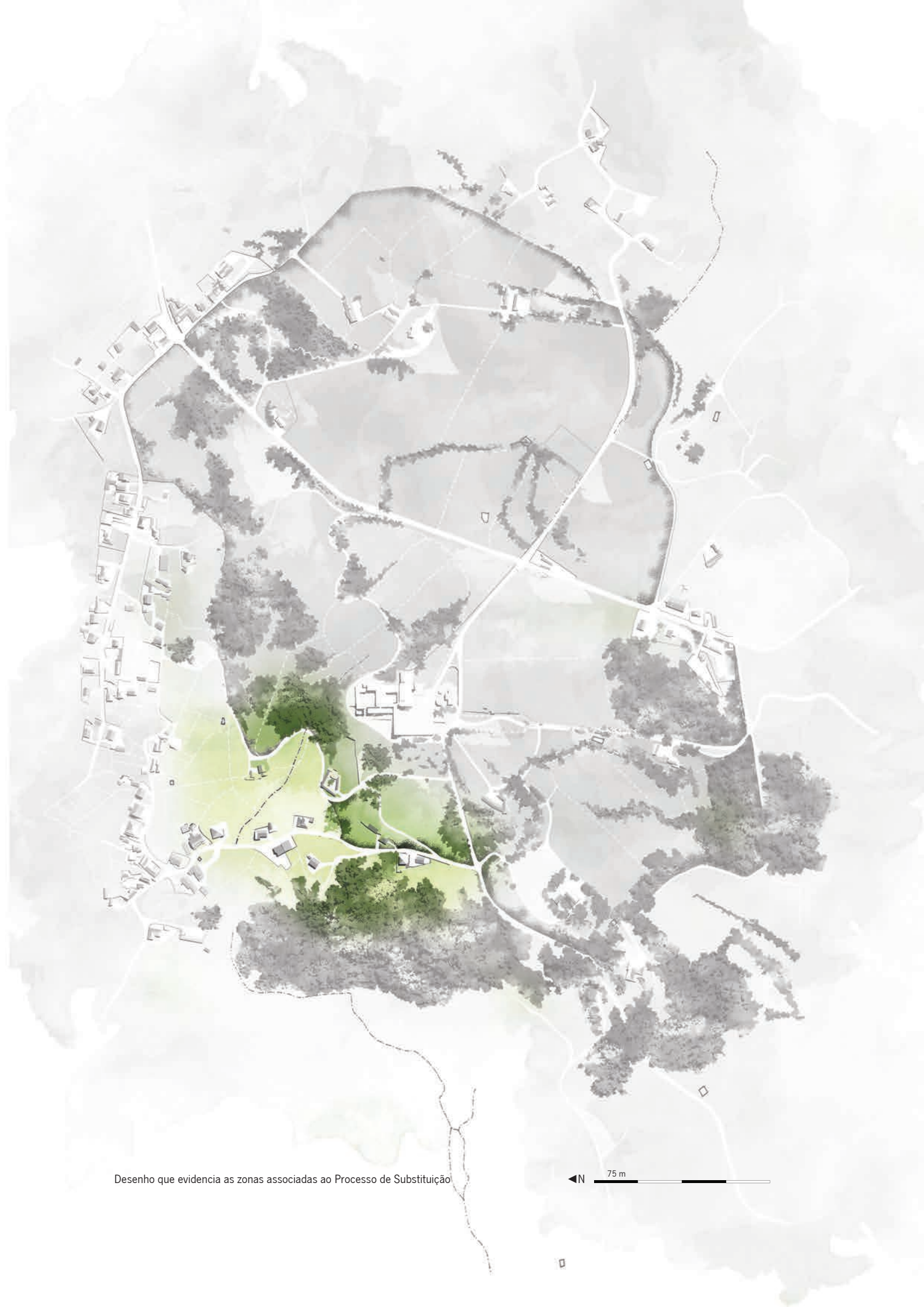
← N 10m



3 m

Planta do Processo de Conservação no 'Canal': Desenho da planta de aproximação à zona considerada de exceção, 'limite canala' associada ao Processo de Conservação. Este desenho constitui uma representação do limite na actualidade. A marcação dos dois muros ainda é perceptível no lugar, a sensação de canal é intensificada pela arborização e diferença de cota de acompanha os muros.

Secções Passado/Presente: As secções apresentadas representam o limite no seu processo de conservação em dois tempos distintos. A primeira representa o tempo passado (época de actividade do mosteiro) e a segunda o tempo presente (actual). O primeiro constitui uma hipótese interpretativa de um reconstituição de um tempo passado. Nestas duas secções é possível compreender as transformações que o muro sofreu ao longo do tempo assim como a profunda alteração da topografia, com a construção de taludes.



Desenho que evidencia as zonas associadas ao Processo de Substituição

◀ N 75 m



FIG. 38 Sequência de fotografias no percorrer do caminho

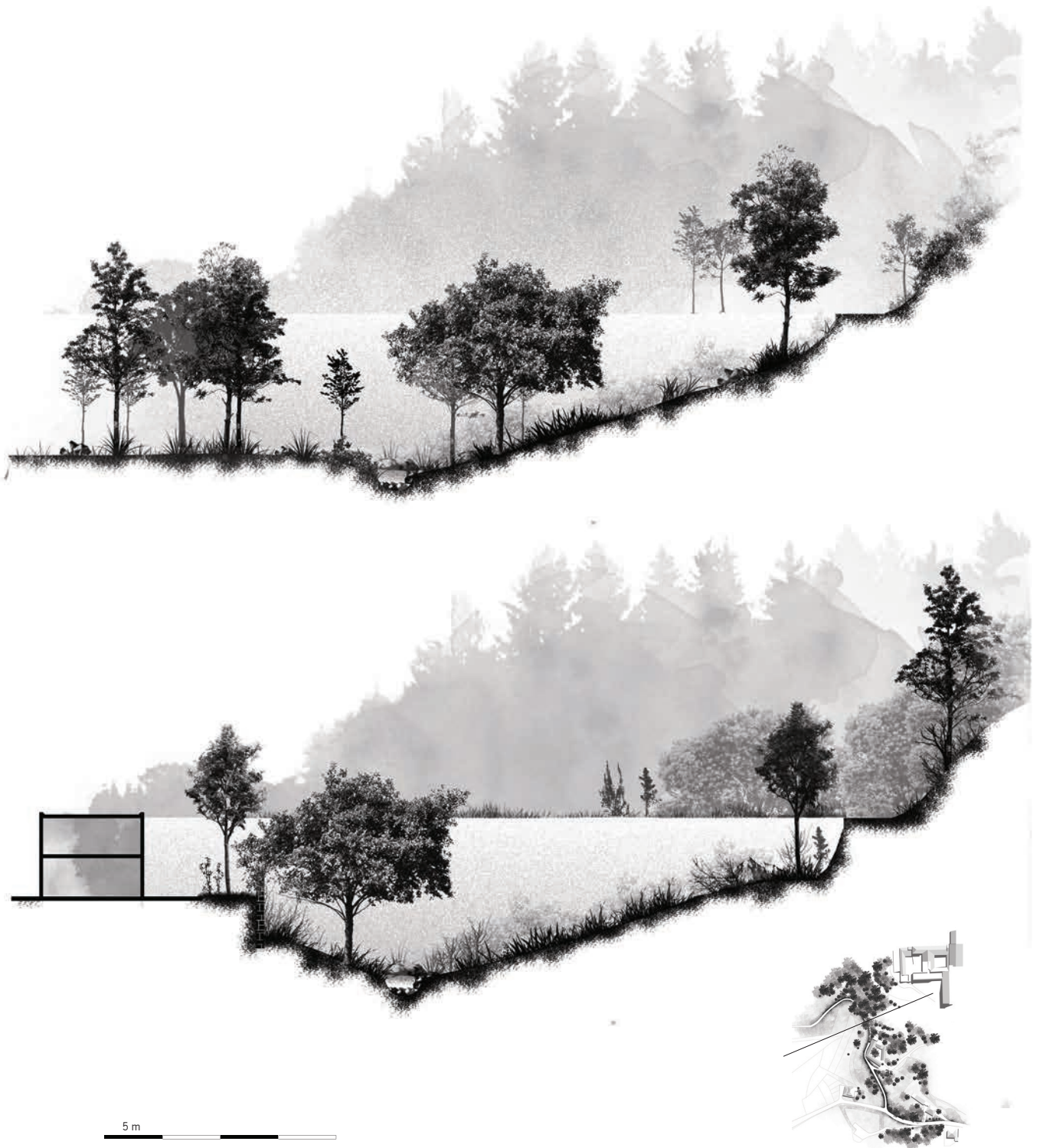
Processo de **Substituição**

Na planta apresentada na página anterior é possível evidenciar a zona à qual está associada este processo. A transformação por substituição pressupõe um processo no qual o 'limite' hoje é interpretado através de outros elementos. Existem alguns exemplos deste processo ao longo da amostra, mas a escolha desta zona recaiu não só pela proximidade com o edifício do mosteiro como também pela multiplicidade e diversidade de elementos que constituem o 'limite' nesta parte da amostra. A percepção desta possível divisão é hoje interpretada através de um caminho que se 'acomoda' à encosta onde o edifício do mosteiro está implantado. Este caminho está acentuado por um talude e uma continuidade de videiras altas que acentuam e compõem a ideia de 'limite'. As fotografias em cima expostas explicitam as características do limite e a relação como o mosteiro (última fotografia).

À semelhança do tópico anterior, em seguida serão expostos desenhos resultantes de uma aproximação a esta parte da amostra através de uma planta e dois secções.



◀ N 10m



Planta do Processo de Substituição: Desenho da planta de aproximação à zona associada ao Processo de Substituição. Este desenho constitui uma representação do limite na actualidade. A percepção actual do 'limite' é representada por um caminho, que se evidencia pela sua diferença de cota em relação ao resto do terreno. A planta torna também clara a relação de proximidade desta parte do limite com o edifício do mosteiro.

Secções Passado/Presente: As secções apresentadas representam o limite no seu processo de substituição em dois tempos distintos. A primeira representa o tempo passado (época de actividade do mosteiro) e a segunda o tempo presente (actual). O primeiro constitui uma hipótese interpretativa de um reconstituição de um tempo passado. Nestas duas secções é possível compreender como o limite é interpretado hoje no terreno.



Desenho que evidencia as zonas associadas ao Processo de Fractura

◀ N 75 m



FIG. 36-38 Fotografias do muro, um pormenor aproximado e uma imagem panorâmica da presença do muro no lugar.

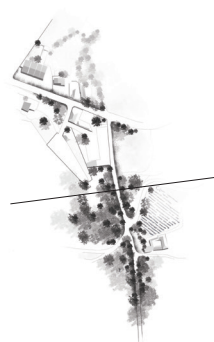
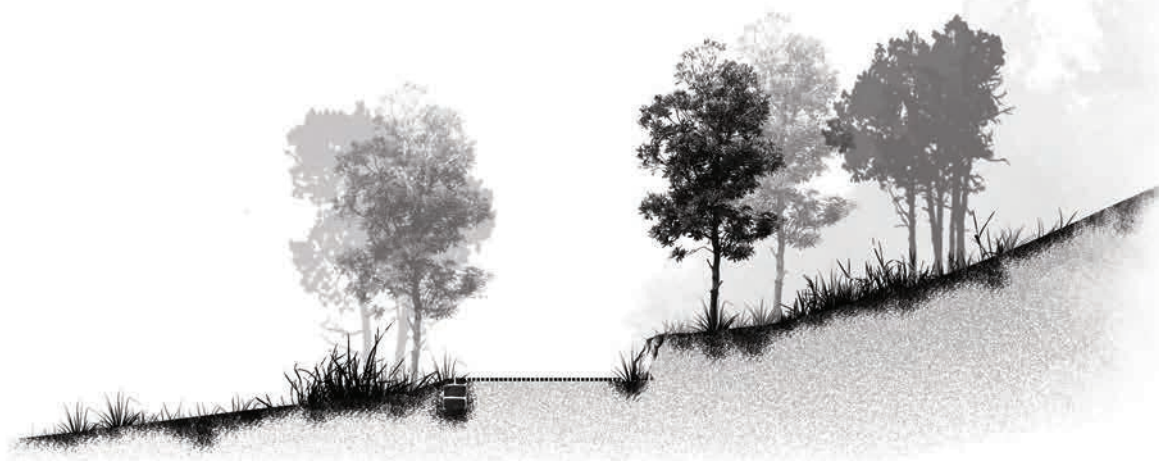
Processo de **Fractura**

O último processo de transformação em estudo, é o processo de Fractura. Este processo representa um intermédio entre os dois processos anteriores. Admite-se a ideia de processo de fractura nas zonas do 'limite' onde o elemento físico, o 'muro' foi destruído, contudo é possível mapear a sua existência através de vestígios encontrados no chão. A apropriação da natureza e os diferentes processos que o lugar foi sujeito, com alterações de pavimentos, movimento de terras, entre outros, levou a continua dissipação das marcas deste elemento. A zona que escolhemos para demonstrar este processo ainda apresenta de uma forma bem nitida este 'padrão' no chão, que através da anulação do elemento físico na sua forma total, o limite fica representado pelo negativo do mesmo.

Em termo de conclusão deste mapear de processos na amostra, em seguida serão expostos desenhos de aproximação a esta zona, com a apresentação de uma planta e duas secções.



◀ N 10m



2 m

Planta do Processo de Fractura: Desenho da planta de aproximação à zona associada ao Processo de Fractura. Este desenho constitui uma representação do limite na actualidade. A percepção actual do 'limite' é representada por uma linha patrao no chão quase imperceptível ao olhar. Nas secções a relação do 'limite' com esta linha é mais perceptível.

Secções Passado/Presente: As secções apresentadas representam o limite no seu processo de substituição em dois tempos distintos. A primeira representa o tempo passado (época de actividade do mosteiro) e a segunda o tempo presente (actual). O primeiro constitui uma hipótese interpretativa de um reconstituição de um tempo passado. Nestas secções é possível sistematizar as alterações mais significativas entre a representação possível do passado e a representação actual. As principais alterações identificam-se no processo ao qual está associado, é possível ver como o muro actualmente está praticamente submergido por vegetação ou terra. Esta fractura permite uma continuidade, que outrora não existia, quer visual, quer física.

‘Três Tempos’ em coexistência

Para a representação da coexistência do tempo no lugar, optou-se pela escolha de três tempos distintos: **presente**, **passado** e **futuro**. Estes tempos, demonstram não só diferentes fases na transformação do lugar, mas também estabelecem o cruzamento com a própria metodologia do trabalho, criando um fio condutor no raciocínio estruturante deste ensaio.

A representação dos diferentes tempos incorporou uma lógica subjacente na sua diferenciação. Esta lógica é intrínseca ao próprio raciocínio interpretativo do lugar. Os desenhos desenvolvem-se segundo uma contínua tendência para a **dissolução**.⁴⁹ O processo de transformação inerente ao lugar é transversal à ideia de incerteza na sua trajectória futura. A noção de ‘dissolução’ está incorporada neste processo contínuo de transformação do lugar, que vive da apropriação da natureza e remete para um cenário futuro, onde o lugar é completamente submergido pela natureza. Como tal, os desenhos incorporam esta tendência, admitindo uma leitura contínua de incompletude na sua representação.

O **tempo passado**, que está associado à época de construção e actividade do mosteiro, é representado através de uma imagem rígida, que procura interpretar os próprios ideais de ordem da época, tanto na construção como na própria vivência. A rigidez de um tempo passado, começa a perder-se numa natureza livre e descomprometida que representa o tempo actual. O **tempo presente**, começa lentamente a incorporar na sua representação uma liberdade e harmonia, colocando-se na trajectória para a incerteza do futuro. Assim, o **tempo futuro**, é representado através desta noção de incerteza inerente à ideia da dissolução, apresentando-se num desenho livre e ‘imperfeito’, sem limites ou regras.

Para a diferenciação destes tempos, foi elaborada uma selecção de informação que teve como base uma série de secções representativas das diferentes fases de transformação do lugar. Estas secções base incorporam uma linguagem matriz semelhante, na qual é extraída a informação considerada relevante para as diferentes representações dos três tempos. A escolha da secção como ferramenta

⁴⁹ **Dissolução** – “acto ou efeito de dissolver ou dissolver-se; devassidão; ruína” (informação em Dicionário da Língua Portuguesa); a escolha desta palavra para a descrição do fenómeno associado ao tempo futuro assim como à lógica integrada na representação do lugar na sua coexistência, advém da sua associação não só com ruína, mas também na ideia de simbiose entre elementos, fenómeno que resulta do processo de apropriação da natureza presente neste lugar.

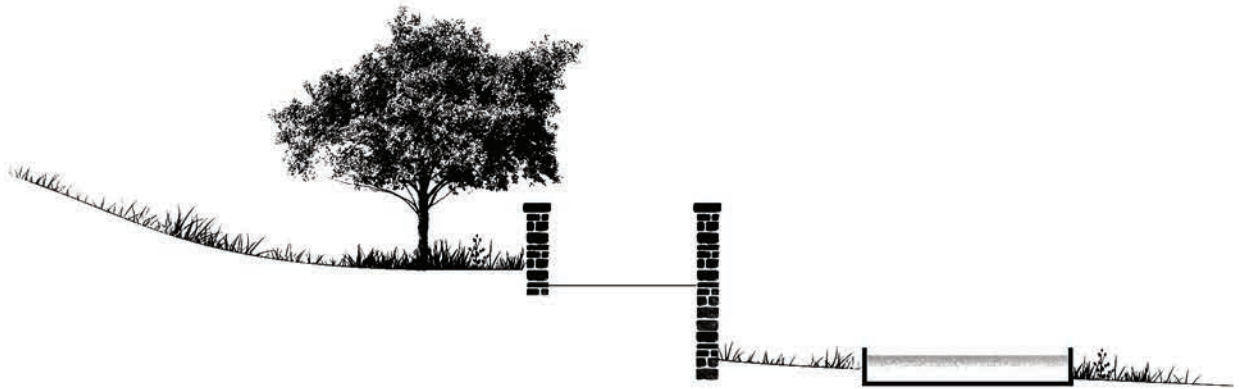
de representação da coexistência, advém da sua capacidade de tornar visível a justaposição de camadas, de 'tempos'. Aliado a esta ferramenta incorpora-se a técnica da aguarela, que graças a sua materialização de carácter 'dissolvido' torna possível uma permeabilidade entre as diferentes 'camadas' do tempo, caracterizando a 'espessura' do tempo em coexistência.

Tempo Passado – construção

A época considerada na definição de tempo *passado*, foi a era de actividade do mosteiro, admitindo-se o período de construção e vivência monástica no lugar. Não se procurou definir datas específicas, apenas uma época base que servisse de referência, como tal, o intervalo de tempo escolhido para a representação deste tempo passado está compreendido no período de domínio da Ordem beneditina no Mosteiro (1585 – 1834), de quase três séculos. A escolha deste período específico, recaiu no facto desta ser uma época de grandes transformações nesta amostra, quer na construção do mosteiro como na reorganização das estruturas morfológicas do lugar.

Deste modo, associamos a este tempo, um processo de **construção** que alterou a base original do lugar e representa uma fase de charneira na morfologia e imagem do próprio lugar. Assim, a representação deste tempo, incorpora uma componente da interpretação dos dados históricos e corresponde a uma imagem hipotética do que poderia ter sido o lugar nessa época, por isso também ela incerta. Tanto a vida monástica como a própria arquitectura incitam o cumprimento de regras, uma imagem de perfeição e completude. Existe uma clara distinção entre o que era interior e exterior, não só na sua apropriação como uso.

Tendo este raciocínio como base, a representação do tempo *passado* utiliza como catalisador a ideia de definição e barreira, resultando num desenho simples e quase linear, que procura transmitir a sensação de completude e rigidez.



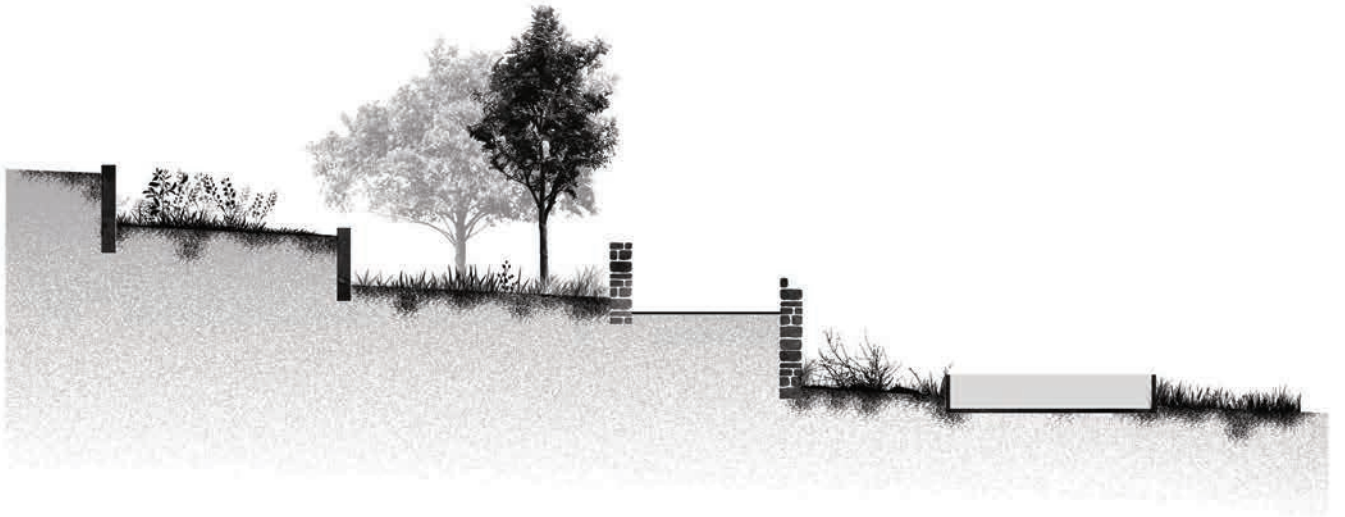
3 m

Seção 1: Representação da reconstituição do *tempo passado* através da técnica base.
Seção 2: Seleção da informação deste *tempo passado* na representação da coexistência.

Tempo Presente – acumulação

O tempo actual, *presente*, representa o lugar como ele existe hoje. O tema original deste trabalho, deriva da interpretação desse mesmo tempo e o modo como este catalisou a ideia do processo de transformação inerente ao lugar. A aproximação ao lugar despoletou a descoberta de um processo activo no lugar, em que a natureza vai-se apropriando aos poucos, não só do edifício do mosteiro como também, de todos os vestígios construtivos de uma época passada. Denomina-se a este processo, processo de **acumulação**, onde novas camadas de natureza iniciam uma submersão sobre os indícios do passado. O 'limite', começa lentamente a dissipar-se e a criar relações entre 'interior' e 'exterior', caminhando para uma simbiose entre estas duas realidades, deixando de existir uma separação ou barreira entre elas.

Além do processo inicial de acumulação, o tempo *presente*, incorpora também um processo de transformação na própria topografia. Com a representação do 'tempo passado' procura-se fazer uma selecção focada na topografia e nas diferenças acentuadas da vegetação. Procurando sempre incorporar uma crescente imagem de dissolução na continuidade da lógica representativa dos tempos, o desenho do 'passado' já introduz a técnica da aguarela, resultando numa imagem que reproduz não só o tempo passado como também evidencia os elementos coexistentes com o tempo 'passado'.



3 m

Secção 1: Representação do *tempo presente* através da técnica base.
Secção 2: Selecção da informação deste *tempo presente* na representação da coexistência.

Tempo Futuro – dissolução

Ao longo deste ensaio, foi elaborado um raciocínio que aposta numa interpretação do lugar através da sua transformação e na sua capacidade em transmitir incerteza no passado, presente e futuro. A tendência de incerteza do lugar, é interpretada numa imagem de **dissolução**, que representa um cenário possível sobre o que poderá ser o futuro deste lugar se o processo de apropriação da natureza continuar a submergir sobre o construído. Isto é, um cenário de futuro, onde a natureza e os 'elementos construídos pelo homem' constituem a verdadeira simbiose construtiva do lugar.

Como tal, este 'tempo futuro' representa uma hipótese, um cenário possível de um futuro incerto do lugar. Não se pressupõe uma data ou um intervalo de tempo específico, esta ideia de incerteza ou dissipação valida em si uma indeterminação desse mesmo tempo. Através da sua representação procura-se materializar algo que não é visível no lugar, mas que é respigada através dos indícios presentes hoje.



2 m

Secção 1: Representação da *tempo futuro* através da técnica base.
Secção 2: Selecção da informação deste *tempo futuro* na representação da coexistência.

